

O rural depois do fogo

Orlando Simões (ed.)



Depois dos violentos incêndios que assolaram a região Centro de Portugal em 2017, investigadores e especialistas, com formações diversas, discutem aqui as causas profundas dos grandes incêndios rurais, formas de os mitigar, bem como as suas principais consequências de âmbito social, económico e ambiental. Considerando as inevitáveis alterações climáticas e no quadro de um novo paradigma de convivência com o fogo, privilegia-se a participação ativa das comunidades locais na conceção e implementação de estratégias de prevenção e mitigação do risco de incêndios. Tendo em vista uma melhor gestão dos espaços rurais, mais sustentável e com maior coesão social e territorial, este livro é um contributo para que, depois de 2017, nada possa ficar como dantes.



O rural depois do fogo

ESAC / SPER

2018

FICHA TÉCNICA:

Título: *O rural depois do fogo*

Coordenação, edição e paginação: *Orlando Simões*

Apoio à paginação: *João Pedro Simões*

Capa: *Orlando Simões*

Fotografia da capa: *Filipe Catry* (Centro de Ecologia Aplicada *Baeta Neves, ISA/UL*)

Edição: *Escola Superior Agrária, Instituto Politécnico de Coimbra (ESAC/IPC)*

ISBN: 978-972-99205-8-5

Depósito legal: 446 725/18

Impressão e acabamentos: *Gráfica Manuel Barbosa & Filhos, Lda.*

Tiragem: *300 exemplares*

Patrocinador exclusivo: *Sociedade Portuguesa de Estudos Rurais (SPER)*

Apoio: *Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT)*

1ª edição: Coimbra, outubro de 2018

© *ESAC/IPC*

O rural depois do fogo

Orlando Simões

(ed.)



Coimbra

2018

CONSELHO EDITORIAL

António Covas (UAlg.)

António Dinis Ferreira (ESAC/IPC)

Artur Cristóvão (UTAD)

Elisabete Figueiredo (UA)

Elisabeth Kastenholtz (UA)

Isabel Dinis (ESAC/IPC)

Isabel Rodrigo (ISA/UL)

Joaquim Cabral Rolo (INIAV)

Joaquim Sande Silva (ESAC/IPC)

Luciano Lourenço (FL/UC)

Luís Moreno (IGOT/UL)

Orlando Simões (ESAC/IPC)

Pedro Hespanha (CES/UC)

PARTICIPARAM NO LIVRO:

Álvaro Costa

Faculdade de Engenharia, Universidade do Porto

Américo Carvalho Mendes

Coord. ATES, Área Transversal de Economia Social, Univ. Católica (Porto)

Anita Pinto

Faculdade de Engenharia, Universidade do Porto

Anne-Karine Boulet

CERNAS, Escola Superior Agrária, Instituto Politécnico de Coimbra

António Cardoso

CICS.Nova.UMinho, Instituto Politécnico de Viana do Castelo

António Covas

CIEO, Faculdade de Economia, Universidade do Algarve

António Dinis Ferreira

CERNAS, Escola Superior Agrária, Instituto Politécnico de Coimbra

Carla Ferreira

CERNAS, Escola Superior Agrária, Instituto Politécnico de Coimbra

Carlos Matias

Comissão de Agricultura da Assembleia da República

Carmo Bica

Cooperativa Três Serras de Lafões, CRL

Celeste Coelho

CESAM - Centro de Estudos do Ambiente e do Mar, Universidade de Aveiro

Cristiana Lavos

Comissão Popular “O Pinhal é Nosso”

Cristina Cruz

Escola Superior Agrária, Instituto Politécnico de Coimbra

Cristina Ribeiro

CESAM - Centro de Estudos do Ambiente e do Mar, Universidade de Aveiro

Edgar Barreira

ESRI Portugal, Sistemas e Informação Geográfica, S.A.

Esther Fernández-Núñez

Universidade de Santiago de Compostela

Fantina Tedim

CEGOT, Faculdade de Letras, Univ. do Porto; Charles Darwin University

Fernando Oliveira Baptista

Instituto Superior de Agronomia, Universidade de Lisboa

Filipa Torres-Manso

CETRAD, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Francisco Castro Rego

CEABN, Instituto Superior de Agronomia, Universidade de Lisboa

Goretti Barros

Escola Superior Agrária, Instituto Politécnico de Viana do Castelo

Inês Amorim Leitão

CERNAS, Escola Superior Agrária, Instituto Politécnico de Coimbra

Isabel Dinis

CERNAS, Escola Superior Agrária, Instituto Politécnico de Coimbra

Jan Jaco Keizer

CESAM - Centro de Estudos do Ambiente e do Mar, Universidade de Aveiro

Joana Nogueira

Escola Superior Agrária, Instituto Politécnico de Viana do Castelo

José Reis

CES, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra

Luciano Lourenço

CEGOT, Dep. Geografia e Turismo, Facu. Letras, Universidade de Coimbra

Luís Moreno

Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, Universidade de Lisboa

Luuk Fleskens

Soil Physics and Land Management, Wageningen University

Manuel Belo Moreira

CIRIEC-Portugal; Instituto Superior de Agronomia, Universidade de Lisboa

Manuel Carlos Silva

CICS.Nova.UMinho, Universidade do Minho

Maria das Mercês Covas

CIEO, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Algarve

Marina Castro

Centro de Investigação de Montanha, Instituto Politécnico de Bragança

Orlando Simões

CERNAS, Escola Superior Agrária, Instituto Politécnico de Coimbra

Pedro Alves

Associação Florestal de Entre Douro e Tâmega

Pedro Bingre do Amaral

Escola Superior Agrária, Instituto Politécnico de Coimbra

Pedro Ochôa Carvalho

Instituto Superior de Agronomia, Universidade de Lisboa

Pedro Soares

Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa

Sandra Valente

CESAM - Centro de Estudos do Ambiente e do Mar, Universidade de Aveiro

Sara Proença

CERNAS, Escola Superior Agrária, Instituto Politécnico de Coimbra

Victor Louro

Ex-quadro da Direcção-Geral das Florestas

Vítor Pereira

Escola Superior Agrária, Instituto Politécnico de Coimbra

ÍNDICE GERAL

Prefácio <i>Francisco Castro Rego</i>	9
Questões introdutórias	
Depois da “tempestade”, terá de vir a bonança <i>Orlando Simões</i>	11
Governança e políticas públicas. O processo de decisão política em sistemas complexos <i>Pedro Ochôa Carvalho e Orlando Simões</i>	23
Cap. 1. Os caminhos que levam ao fogo	
1.1. Rural e floresta, caminhos por definir <i>Fernando Oliveira Baptista</i>	45
1.2. Do abandono da pequena agricultura ao drama dos incêndios rurais <i>Manuel Carlos Silva, Carmo Bica e Pedro Soares</i>	61
1.3. A resistência das comunidades em torno dos baldios. Um bem comunitário historicamente disputado por privados, municípios e Estado <i>António Cardoso, Goretti Barros e Carlos Matias</i>	73
1.4. As políticas de solos e de ordenamento face aos fogos florestais <i>Pedro Bingre do Amaral</i>	89
1.5. As catástrofes e as grandes reformas da política de prevenção e combate aos incêndios florestais <i>Luciano Lourenço</i>	99
Cap. 2. Para uma nova gestão dos espaços rurais: entre impactes e mudança	
2.1. Impactes do fogo em empreendimentos turísticos da região centro. Uma análise exploratória <i>Orlando Simões, Cristina Cruz e Isabel Dinis</i>	119
2.2. Risco e segurança em turismo rural. A perspetiva dos operadores turísticos face ao fogo <i>Vítor Pereira, Sara Proença e Orlando Simões</i>	133
2.3. Do fogo à desertificação. A degradação dos ecossistemas florestais <i>Inês Amorim Leitão, Carla Ferreira, Anne-Karine Boulet e António Dinis Ferreira</i>	147

2.4. Pastores, pastoreio e risco de incêndio: aliados, cúmplices ou concorrentes? <i>Marina Castro, Esther Fernández-Núñez e Filipa Torres-Manso</i>	155
2.5. GeoForest: A defesa da floresta com recurso a SIG colaborativo <i>Pedro Alves e Edgar Barreira</i>	163
Cap. 3. O rural depois do fogo: utopias e desafios	
3.1. O pinhal do Rei, do Estado e da comunidade local <i>Cristiana Lavos e Orlando Simões</i>	173
3.2. Soito da Ruiva (Serra do Açor). A gestão de condomínio de aldeia <i>Álvaro Costa e Anita Pinto</i>	187
3.3. Integração da gestão pós-fogo na política florestal nacional. A perspetiva dos agentes nacionais, regionais e locais <i>Cristina Ribeiro, Sandra Valente, Celeste Coelho, Luuk. Fleskens e Jan Jaco Keizer</i>	201
3.4. Novos modelos de paisagem mais resilientes ao fogo e às alterações climáticas. Utopia ou necessidade? <i>Manuel Belo Moreira</i>	211
3.5. Territorialização e digitalização de políticas públicas do território. As duas faces do problema <i>António Covas e Maria das Mercês Covas</i>	229
3.6. O futuro dos incêndios rurais em Portugal: será possível construir uma sociedade resiliente a eventos extremos? <i>Fantina Tedim</i>	239
Conclusões	
Aprender a coexistir com o fogo <i>Orlando Simões, Joana Nogueira e Luís Moreno</i>	259
Epílogo	
O rural e a floresta, um ano depois do fogo. O que foi feito e o que ainda falta fazer... <i>Américo Carvalho Mendes, José Reis e Victor Louro</i>	271

Prefácio

Depois das tragédias dos incêndios de 2017, que castigaram muito duramente a região centro do país, uma reflexão sobre este tema no início de 2018 em Coimbra seria sempre, naturalmente, de grande oportunidade.

Mas, para além da oportunidade da reflexão, o seu enquadramento no âmbito do *VII Congresso de Estudos Rurais* proporcionou que essa reflexão se focasse na determinante interação do rural com o fogo. Estão portanto de parabéns os organizadores da iniciativa, a Sociedade Portuguesa de Estudos Rurais (SPER), a Escola Superior Agrária de Coimbra (ESAC) e o Centro de Estudos de Recursos Naturais, Ambiente e Sociedade (CERNAS), por terem associado à oportunidade da reflexão a escolha do local em que a iniciativa se realizou e também a abordagem mais focada que proporcionou. Fica também uma palavra de apreço à Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) que apoiou a divulgação dos resultados da iniciativa, através do apoio à publicação deste livro.

Segundo os termos do próprio Congresso, depois do “luto sobre a catástrofe” de 2017, era então, em Março de 2018, o tempo próprio para “analisar e discutir as causas principais dos incêndios rurais, os seus impactes sociais e económicos, formas de os mitigar e controlar, tendo em vista uma melhor gestão dos espaços rurais, mais sustentável e com maior coesão social e territorial”. Nada mais adequado.

Da qualidade e da variedade das apresentações dá-nos boa conta o livro que agora se edita. É um conjunto de textos de autores muito qualificados, com grande capacidade de reflexão sobre estas matérias, e cujas abordagens, pela sua profundidade e inerente complexidade, têm em geral alguma dificuldade em passar ao conhecimento público. De facto, muitas vezes alimentado na comunicação social por especialistas de última hora ou por exploradores oportunistas das tragédias humanas, o público e os decisores políticos têm por vezes dificuldades acrescidas em utilizar reflexões com a qualidade e o tempo necessários para a boa formação dos seus juízos. E esta é uma razão fundamental para o interesse deste livro.

Para análise dos incêndios de 2017, a Assembleia da República criou, nessa altura, a figura da Comissão Técnica Independente, coordenada pelo Professor João Guerreiro, e que tive a honra de integrar. Foram trabalhos de grande envergadura mas que, pelo seu âmbito, enquadramento e constituição, nunca poderiam esgotar a análise do problema e, em particular, a partir do ângulo de análise desta reflexão. Mais uma razão para o interesse destes textos.

Entretanto, o ano de 2018 começou tranquilo no que respeita aos incêndios florestais. Mas os incêndios em Monchique vieram demonstrar a continuada vulnerabilidade de outras regiões do País a este problema. E demonstraram que os resultados do *VII Congresso de Estudos Rurais* e os textos que dele decorreram e que agora se integram em livro não só continuam a ser de grande relevância para a região centro mas também para outras regiões do País em que as questões, apesar das particularidades específicas, têm também muitos aspetos semelhantes.

Finalmente, parece-me também de registar que, depois da análise dos caminhos que levaram ao fogo, da procura da bonança depois da tempestade com propostas para uma nova gestão dos espaços rurais, com as utopias e desafios que se colocam, se tenha concluído com a importância de aprender a coexistir com o fogo.

De facto, incêndios e fogos não são sinónimos. E se o rural sempre utilizou o fogo como ferramenta da sua gestão, agora a situação é diferente, num quadro de despovoamento e abandono rural com a conseqüente acumulação generalizada de biomassa combustível e de alterações climáticas. Teremos assim de aprender a coexistir com o fogo e a utilizá-lo de forma controlada como ferramenta de gestão, mas também a evitar os grandes incêndios de conseqüências tão trágicas. O rural pode coexistir e sempre coexistiu com o fogo, mas não pode ter de coexistir com as tragédias dos grandes incêndios.

Esta será simultaneamente uma utopia e um desafio. Mas não estarão as utopias sempre associadas a desafios? E na resposta a esses desafios, não estão sempre na linha da frente reflexões, iniciativas e contribuições como a deste livro?

Concluindo, só posso terminar com duas palavras dirigidas a todos quantos contribuíram para este livro: Parabéns e Obrigado!

Lisboa, 14 de setembro de 2018

Francisco Castro Rego

Presidente do Observatório Técnico Independente para análise, acompanhamento e avaliação dos incêndios florestais e rurais que ocorram no território nacional
(Lei n.º 56/2018, de 20 de agosto)